



“MINHA COR É MARROM, PORQUE SOU MARROM MESMO, NÃO TEM OUTRA COR”: RELAÇÕES E ASPECTOS DE PERTENCIMENTO ÉTNICO- RACIAL

Flávia Lorena da Silva Oliveira
UESB/PPGED - E-mail: flavialore_cba@hotmail.com
Sônia Maria Alves de Oliveira Reis
UNEB/UESB

RESUMO: Os negros brasileiros têm uma trajetória histórica e cultural pautada na colonização, dominação e sobreposição de todo um povo. Uma das consequências baseadas nessa história de negação e discriminação é a construção de uma identidade reflexo de uma educação racista, que se camufla em termos como: moreno(a), cor de canela, cor de cuia, mais escuro dentre outros. Nessa linha, é necessário ressaltar que o preconceito racial ainda está presente na sociedade, apesar das políticas afirmativas pensadas em proporcionar igualdade e oportunidades de combater a segregação e o racismo, as atitudes e fatos mostram ainda uma realidade ligada à conceitos impregnados desde o período colonial (ápice da escravidão no Brasil). Nessa perspectiva, esse trabalho é um desdobramento de uma investigação que dentre outros, teve como objetivo conhecer o perfil de mulheres idosas de um dado contexto, bem como sua trajetória identitária ao que se refere a cor, pertencimento e aspirações. Na pesquisa, fez-se uso da epistemologia qualitativa, com observação e entrevistas semiestruturadas, um estudo que segundo Bogdan e Biklen (1994) possibilita descrever, indagar e compreender um pouco sobre o contexto do objeto de estudo. As falas das idosas referentes ao pertencimento étnico, como: *“minha cor é marrom, porque sou marrom mesmo, não tem outra cor”/ Quando eu morava na roça, eu era mais escura, só que eu não fui mais na roça, então clareou, eu era mais queimada*, leva a refletir sobre a importância da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96) por meio da sanção da Lei nº 10.639/03 e sua regulamentação pelo parecer CNE/CP 03/2004 e pela resolução CNE/CP 01/2004 (BRASIL, 2005) que conforme Gomes (2012) sucinta compreender, conhecer e vivenciar a cultura negra, que tanto foi submetida a um discurso conformador, que instigou falas e percepções como as citadas acima. O diálogo com as mulheres idosas evidencia que os negros e as negras eram e, por vezes, ainda são submetidos e submetidas a uma educação elitizada, desigual, preconceituosa e estereotipada. Segundo elas, não tiveram acesso a educação formal, conhecimentos e uma construção de identidade étnico-racial. No entanto, atualmente, a legislação brasileira, resultado de ação política e da luta do movimento negro tem possibilitado reflexões sobre o processo identitário e reconhecimento do pertencimento étnico

Palavras-chave: Identidade. Étnico-racial. Povo negro.